

A BARBÁRIE NA CULTURA DA MODERNIDADE, SUA BANALIZAÇÃO NA SOCIEDADE E CONSEQUENTE PERDA DOS SIGNIFICANTES

The Barbarism in the modern culture, its banalization
in society and consequential loss of significant

Valéria Peixoto Meira

Resumo

A cultura da modernidade científica e industrial levou a objetividade a um nível tal, e o desinvestimento do superego pela sociedade civilizada chegou a tal grau que todo o esforço empreendido no sentido do conhecimento parece ter criado uma clivagem irreversível entre ciência e cultura, como pontua Michel Henry. Diante de tal dissociação impõe-se o desafio de ressignificar a vida por meio da fenomenologia. Este trabalho faz uma análise das críticas de Michel Henry ao desenvolvimento da humanidade, considerando as influências deletérias da ciência galileana e suas consequências na mídia, no pensamento histórico, na psicologia, sociologia e educação.

Palavras-chave: objetividade, clivagem, fenomenologia.

Abstract

The culture of scientific and industrial modernity led objectivity to such a level, and the disinvestment of the superego by civilized society has reached such a degree that every effort undertaken towards knowledge seems to have created an irreversible division between science and culture, as Michel Henry punctuates. Facing such dissociation it is imposed the challenge of reframing life through phenomenology. This study analyzes the criticism of Michel Henry to the human development, considering the deleterious influences of Galilean science (from Galileo) and its consequences in the media, historical thinking, psychology, sociology and education.

Keywords: objectivity; division; phenomenology.

Considerações Iniciais

O panorama atual da civilização, de acordo com Michel Henry é tão devastador quanto uma cena de barbárie, dada a influência do pensamento materialista, científico e objetivo, especialmente a partir do Iluminismo. Segundo ele, o método científico subtraiu a subjetividade humana, e pôs o foco da vida numa exterioridade objetiva, cega e estéril, desintegradora da cultura.

Impossível deixar de reconhecer que a subjetividade na modernidade encontra-se comprometida por uma excessiva objetivação do pensamento por meio da técnica científica e, por outro lado, por seu efeito colateral, o acúmulo de energia libidinal que se manifesta na ira, no comportamento imediatista e frequentemente violento do indivíduo moderno, tão autojustificado pelo estresse.

Nelson da Silva Junior, no livro *Psicossoma IV* escreve:

a dissolução das meta-narrativas na Idade Moderna afeta diretamente a estrutura da intencionalidade do destino, e conseqüentemente, o polo de alteridade narrativa. (...) podemos conceber que uma tendência de monopolização da narração identitária fundada sobre a mesmidade esteja em curso. Nessas condições a identidade tende a limitar-se à relação semântica entre o signo e seu referente. A espessura discursiva da linguagem seria assim reduzida e também seus recursos de elaboração psíquicos. É, em nosso ponto de vista, tal estreitamento da identidade narrativa à mesmidade, uma das razões que levam o corpo a ocupar o centro da problemática identitária do Sujeito contemporâneo.¹

Esta denúncia de Silva Junior nos leva a refletir sobre como anda reduzida, na modernidade, a capacidade de simbolização, e eleva o corpo à categoria de representante máximo, senão único, de uma existência pautada no consumismo, no imediatismo e na superficialidade. A referência concreta do corpo tem-se confundido com a imagem ideal e mal delimitada entre o interno e o externo.

Ernst Cassirer nos chama a atenção de que o século XVIII foi o século da filosofia por excelência, mas ressalta em “A Filosofia do Iluminismo”², que isto se deu pelo fato de a filosofia ter-se aberto para além do pensamento puro: “para toda a atividade intelectual do

¹ VOLICH, Rubens Marcelo; FERRAZ, Flávio Carvalho; RANÑA, Wagner. *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2008.

² CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

homem”. O próprio Hegel, citado por ele, retifica sua crítica ao espírito iluminista em “A Fenomenologia do espírito”, reconhecendo-lhe “o poder e o papel de organizar a vida”.

Isto posto, desenvolverei neste trabalho, a análise do pensamento de Michel Henry em “A Barbárie”³.

Henry é enfático em sua crítica à manipulação ideológica que impede o pensamento livre e que impõe a velocidade de produção e assimilação, à exploração da imagem, à fragmentação do conhecimento, ao sacrifício da cultura, enfim, no “altar do tecnicismo”.

Ao entrar em contato com o apelo de Henry que diz bem claramente que “o saber da vida não é de nenhum modo objetivo, nem em sentido algum, não tem objeto, porque não traz em si a relação com o objeto, porque sua essência não é essa relação”, senti-me profundamente mobilizada e desafiada em todos os meus conhecimentos prévios que incluem a medicina, a psicanálise e a história. Por esta razão, analiso os pontos, para mim, mais conflitantes assim como os mais concordantes com a teoria da barbárie, de Henry.

A psicanálise encerra a ideia de que o Objeto (o olhar do Outro, segundo Lacan), portanto, o Outro, nos constitui, a priori. A fenomenologia parece propor uma ideia a priori deste a priori, da visão sensível ou intelectual do objeto. Aquém do conhecimento. Exatamente na intuição sensível, e não no conhecimento; expressando-se na afetividade transcendental.

Parece-me que isto é perfeitamente concordante com a teoria freudiana na qual a realidade passa, inevitavelmente pelo filtro da subjetividade, não havendo exterioridade em si, senão uma intuição pessoal e única da mesma. Porém uma auto afecção não é vazia. Pressupõe uma afetividade transcendental que existiria mesmo que não houvesse mundo algum. A ausência, no entanto, do afeto e, logo, da subjetividade, e a dissociação deste com o mundo se traduz em autismo, o que certamente não é a proposta da fenomenologia.

A subjetividade tem expressões variadas: nas artes, na religião, na ética. Henry ressalta a universalidade e a unidade do saber, demonstrando como uma criação pictórica artística abstrata pode se assemelhar a teorias científicas objetivas, por exemplo, na beleza harmoniosa da estrutura de um átomo, como se a arte fosse uma “dissolução da realidade objetiva” inteiramente intuída, pertencente à subjetividade. Da mesma forma, rituais

³ HENRY, Michel. *A Barbárie*. 1. ed. São Paulo: Realizações, 1987.

primitivos estabeleceram a organização de sociedades, e a arte tantas vezes expressou a religiosidade.

Michel Henry atribui a Galileu o start da revolução científica que tem pautado o desenvolvimento da humanidade, denunciando que nessa “situação na qual uma instância teórica decidirá sobre o mundo da vida, (...) a vida deixou de ditar suas próprias leis a si mesma”⁴.

Segundo ele, a ciência se julga tão absoluta no mundo que exclui qualquer outra forma de saber. Isto me remete à imagem caricata dos chamados *nerds*, pessoas alienadas de si mesmas, para as quais a mais profunda subjetividade jaz nos cálculos avançados da física. Este produto humano da ciência é motivo de chacota e tema de comédia, mas ele traduz inequivocamente a síndrome da Asperger.

Fazer da ciência a sua própria causa e de sua rede de processos o método da própria vida torna o ser humano dissociado, o que vemos na própria dicotomia do sistema de saúde que, desconsiderando o binômio psico-soma, estuda e trata doenças em vez de doentes.

No reducionismo da ciência, os termos e seus sentidos se modificam. Assim, *LOGOS* passa de conhecimento a razão. *TEKNÊ* perde seu significado intuitivo de produção, para a mera técnica (repetição de processos). E *POIESIS* perde o vigor da ação para se cristalizar em fonema.

O pensamento enciclopedista do Iluminismo desconsiderava tudo o que estivesse fora de sua jurisdição racional. Podemos compreender tal processo como uma reação à ontologia vigorante e dominante até o século XVII, mas não podemos esquecer que partia do Fenômeno, o encaminhamento do pensamento iluminista. Contudo, ao partir da observação para a lei, criou-se um espírito positivo, pretendendo, como Newton e Leibniz, “inteligibilizar a natureza”⁵.

O ser consciente, apanágio da revolução científica tenta elaborar a angústia humana diante do desconhecido. Mas em vez de se estender à atividade da alma e suas operações psíquicas, contenta-se na desconstrução, na decomposição, perdendo-se nas partes e protelando *ad infinitum* a reconstrução e integração do todo. Percebe-se aí o ganho

⁴ HENRY, 1987, p. 50.

⁵ CASSIRER, 1994, p. 30.

ilusional de controle sobre a natureza por meio de leis. Tais leis mais tarde se estenderiam à política, à sociedade, à história.

Norbet Elias, em “O Processo Civilizador”⁶ enaltece a importância da compreensão da subjetividade. Ele faz um paralelo entre o processo histórico de civilização, e os processos psíquicos da teoria de desenvolvimento do ego.

A racionalização da atividade intelectual, bem como de todas as mudanças estruturais nas funções do ego e superego, de todos esses níveis interdependentes da personalidade do homem serão muito pouco acessíveis ao pensamento, enquanto as indagações se limitarem a mudanças nos aspectos intelectuais, a mudanças de ideias, e pouca atenção se der ao equilíbrio e padrão mutáveis das relações entre pulsões e sentimentos por um lado, e o controle dos mesmos por outro⁷.

O fator que selou definitivamente o desvio o ser, do centro da vida para a sua mais distante periferia foi o aparecimento de uma nova dimensão ontológica: a realidade econômica. A Revolução Industrial colocou os bens de consumo no centro, dessignificando a natureza e o corpo, as atividades da alma e os processos psíquicos. Assim se consuma “a invasão da técnica e a expulsão da vida”⁸. Neste panorama não é difícil entender a neurotização da sociedade industrial tão bem retratada no cinema por Charles Chaplin em “Tempos Modernos”, e a subsequente adaptação ao consumismo com fuga para o universo do supérfluo, a sua infantilização, e conseqüente narcisismo regressivo.

Há, contudo, quem nos advirta dos benefícios da revolução industrial como elemento salvador numa sociedade que padecia de fome, pestes e invasões, guerras e perseguições religiosas. Robert Hessen, em seu artigo intitulado “Os efeitos da revolução industrial nas mulheres e crianças”⁹ defende o capitalismo, apoiando-se no aumento da expectativa de vida após o advento da revolução industrial.

⁶ ELIAS Norbert. *O processo civilizador. Volume 2. Formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

⁷ ELIAS, 1993, p. 236.

⁸ ELIAS, 1993, p. 86.

⁹ HESSEN, Robert. *Os Efeitos da Revolução Industrial nas Mulheres e nas Crianças*. Disponível em: <www.libertarianismo.org/.../os-efeitos-da-revolucao-industrial-nas-mulheres-e-criancas>. Acessado em: 17 de julho de 2014.

Diga-se de passagem, que os rumos da humanidade não obedecem a uma marcha linear e progressiva. Os mais variados regimes historiográficos dão conta de que a História é e sempre foi marcada por avanços, retrocessos e permanências, nunca sendo homogênea, unilateral, ou absoluta. Mas voltaremos mais adiante ao tema História.

Assim como “A ciência, em sua possibilidade fundadora, confunde-se com esse *ingenium*, ela é um dos modos concretos da vida da subjetividade absoluta, enquanto vida cognoscente, e desse modo, uma das formas fundamentais da cultura”¹⁰, e não o todo. Bem como o fato em si não é toda a História, bem como a técnica não é a totalidade da ciência, mas apenas a repetição de um de seus processos.

A ciência cumpre na sociedade a função de promover uma fuga, uma negação da vida, o que denuncia a angústia comum a todos, o *pathos*.

Henry critica as ciências humanas como extensão da negação da Ciência que fragmenta a realidade em dados numéricos sem qualquer tradução possível na vida, dados que transformam tudo em uma economia estatística que iguala a todos de forma inverossímil, o que é uma deformação do objeto de estudo, um coletivo presumido, regido por taxas de natalidade, mortalidade, índices de doenças ou de consumo. Citando o exemplo das estatísticas sobre sexualidade, Henry pergunta: “o que podem fazer tais resultados? O que nos ensinam (...) que já não sabemos?”. Enfim, suas contribuições parecem ser meramente mercadológicas.

No que diz respeito à História como ciência humana, devemos considerar que até o século XVII, esta ciência não passava de uma enfadonha narração de fatos cívicos ou, mais especificamente, de fatos religiosos e régios. Mas Phillipe Ariès nos oferece uma perspectiva bem outra em seu livro “O Tempo da História”¹¹ quando anuncia que houve uma subjetivação do classicismo, e que cada época, além dos fatos e das mentalidades vigentes, tem uma “tonalidade”, uma luz própria que jamais será objetivada na História escrita.

Além disso, a verdadeira revolução na História como ciência ocorreu com a Escola de *Annales*, especialmente na França e Alemanha, primeiro com Marc Bloch e Lucien Febvre, depois com Braudel, seguido de Le Goff e Pierre Nora. Aliás é o próprio Nora quem denuncia

¹⁰ HENRY, 1987, p. 102.

¹¹ ARIÈS. Phillipe. O Tempo da História. s/e. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

a História Nacional¹², fundada sobre a autoridade da ciência, e justificada sobre a necessidade de formação de identidade e ordem nacionais. Parafraseando Marc Bloch, ela suscita do “demônio das origens”. Nora também pontua a midialização da História.

A História passou a ser instrumento da política e a política, da economia. A força da Religião foi transferida ao Estado, como nos lembra Reinhart Koselleck em seu espetacular livro “Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos”¹³. E John Gray assinala em seu “Missa Negra”¹⁴, o nascimento da utopia, o messianismo, o terror apocalíptico e todos os empreendimentos ideológicos usados a serviço “da verdade e a realidade da vida para além dela, em um mundo oculto, em suas grandes massas transcendentais que são a História, a Economia, a Sociedade (...)”.

Na sociologia, a crítica de Henry recai sobre a análise objetiva do fato social, removendo a responsabilidade, a iniciativa e a autonomia do indivíduo, que não mais existe no plano da ética, sendo apenas um produto do meio, esse *socius* que ganha status de Ser.

Na psicologia, a crítica recai sobre o Behaviorismo, mas coloca a psicanálise como expressão mais atual da filosofia.

Outro tópico de relevante importância na obra analisada é a Mídia, especialmente a televisiva, segundo Henry, “a verdade da técnica, é a prática, por excelência de sua barbárie”¹⁵. Ela fragmenta a realidade numa sucessão de imagens abundantes, sucessivas e rápidas, e numa linguagem tão rasteira e objetiva que inibe qualquer tentativa de elaboração e subjetivação, que exaure o senso crítico e convida de forma irresistível à fuga da vida e do ser, recalando toda a energia de vida num tédio profundo que, retornando, por acúmulo, de seu recalque, e pela inevitável angústia, frequentemente produz ira, violência, e mais fuga.

“O movimento e o enaltecimento do atual (portanto fugaz) caracterizam o método científico da televisão”¹⁶. Tudo incoerente e superficial. Tudo absurdo, produzindo um “olhar

¹² NORA, Pierre. *A História do Perigo e a Política*. Disponível em: <https://attachment.fsbx.com/messaging_attachment.php?mid=mid.1395144052854%3A5a94a12805cd5bc514&midroot&aid=796f0b58694581883bdc0b8ae1c481ba&tid&uid=100001024871159&accid=100001024871159&ext=1406011247&hash=AQA9qF1ntOatYK-fAMi16mdcKfgU8lCFldIM71E0Ou6yw>. Acessado em: 05 de julho de 2014. (Tradução Nossa)

¹³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio, 2006.

¹⁴ GRAY, John. *Missa Negra*. s/e. Rio de Janeiro: Record, 2008

¹⁵ HENRY, 1987, p. 166.

¹⁶ HENRY, 1987, p. 170.

sem olhar” que corresponde à nulidade. De tal modo que molda seus próprios ídolos na forma da nulidade, onde o improvável herói é tão vazio e frágil quanto o espectador identificado.

Henry também fala de uma “cultura do sentimento”, uma “embriaguez ontológica” na qual pseudo intelectuais democratizados pela educação de massa, precária e populista, mais ativa socialmente e efetivamente funcional (laboral) do que criadora de conceitos, substituem os eruditos “marginais” da Universidade, reduto que não escapou à expulsão da cultura.

É preocupante o que Henry coloca sobre a filosofia na atualidade se colocar como mera reflexão sobre o saber científico em vez de teoria geral do saber. Ele termina seu livro perguntando se o mundo ainda pode ser salvo.

Diante de tão assombrosa perspectiva de esvaziamento de sentido, de esvaziamento da vida pela contínua subtração dos significantes culturais, tanto nas artes como na religião e na ética, a fenomenologia se apresenta como proposta de reinvestimento da intra e intersubjetividade. Ainda que mesmo a psicanálise esteja desprestigiada e todas as coisas reduzidas a uma superficialidade prática e ágil, talvez a arte encontre o caminho do coração humano, ou a fé renasça da angústia de tempos marcados pela banalidade, pela perda da inocência, pela morte dos mitos antigos. Órfãos de significantes, domesticados pela civilização, autoregaldos por tantos princípios e leis sociais, controlados pela Rede, na verdade vivemos operatoricamente, agarrando-nos desesperadamente a qualquer novidade que nos impeça de sentir a dor e o peso de existir. E por medo de sofrer a vida, esvaziamo-la. Saímos de nós mesmos, perdemos o referencial. Vivemos nos escombros de uma cultura carcomida pela técnica, uma História hipertrofiada pela multiplicação de monumentos, museus e documentários. Uma psicologia corrompida pela manipulação cognitivo-comportamental. Uma ética estéril, uma política sem ideais e uma economia truncada, cercada pelas próprias estratégias de abstração. Uma religião midiática e racionalizada.

Considerações Finais

De que modo poderíamos hoje, retomando a ideia de Casirrer, enquadrar a ciência e o pensamento em sua função organizadora do mundo, sem no entanto permitir que a razão, que é a posteriori da vontade, ou que. Representação, que é a posteriori da coisa em

si, subjugassem a nossa subjetividade a ponto de interferir na profundidade e conteúdo da nossa linguagem?

Como proceder para promover um retorno ao livre pensamento proposto por Hegel, se hoje, ao contrário de Iluministas, transformamo-nos em "especialistas"?

E como aumentar a espessura da nossa subjetividade a fim de que o corpo e o exterior a ele não sejam os únicos ou principais domínios de inscrição de nossa existência?

Retroceder e negar os avanços científicos e técnicos não seria sequer necessário. Mas retornar ao EU, conectar-se com o universo interior, buscar a união consigo mesmo e com a Fonte da vida, eis o caminho que poderá reconstruir o nosso ser e poder no mundo, exatamente como tão bem nos ensina Michel Henry em sua bela obra, *A Barbárie*.

Referências

Livros:

ARIÈS. Phillipe. *O Tempo da História*. s/e. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

ELIAS Norbert. *O processo civilizador*. Volume 2. *Formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

HESSEN, Robert. *Os Efeitos da Revolução Industrial nas Mulheres e nas Crianças*. Disponível em: <www.libertarianismo.org/.../os-efeitos-da-revolucao-industrial-nas-mulheres-e-criancas>. Acessado em: 17 de julho de 2014. b

GRAY, John. *Missa Negra*. s/e. Rio de Janeiro: Record, 2008

HENRY, Michel. *A Barbárie*. 1. ed. São Paulo: Realizações, 1987.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio, 2006.

NORA, Pierre. *A História do Perigo e a Política*. Disponível em: <https://attachment.fbsbx.com/messaging_attachment.php?mid=mid.1395144052854%3A5a94a12805cd5bc514&midroot&aid=796f0b58694581883bdc0b8ae1c481ba&tid&uid=100001024871159&accid=100001024871159&ext=1406011247&hash=AQA9qF1ntOatYK-fAMi16mdcKfgU8ICFlcdIM71E0Ou6yw>. Acessado em: 05 de julho de 2014. (Tradução Nossa)

VOLICH, Rubens Marcelo; FERRAZ, Flávio Carvalho; RANÑA, Wagner. *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2008.